



O SOFRIMENTO DE FILOCTETES E O CONCEITO DE “SIMPATIA” NA TEORIA DOS SENTIMENTOS MORAIS DE ADAM SMITH

THE SUFFERING OF PHILOCTETES AND THE CONCEPT OF "SYMPATHY" IN ADAM SMITH'S THEORY OF MORAL SENTIMENTS

EL SUFRIMIENTO DE FILOCTETES Y EL CONCEPTO DE «SIMPATÍA» EN LA TEORÍA DE LOS SENTIMIENTOS MORALES DE ADAM SMITH



<https://doi.org/10.56238/levv16n54-143>

Data de submissão: 26/10/2025

Data de publicação: 26/11/2025

Rafael Carlos de Carvalho Silva

Doutorando em Filosofia

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

E-mail: rafaelccs@ufmg.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como o conceito de “simpatia”, formulado por Adam Smith na obra Teoria dos Sentimentos Morais, contribui para a compreensão do sofrimento de Filoctetes e do conflito moral vivido por Neoptólemo na tragédia homônima de Sófocles. A partir da articulação entre os elementos dramáticos da peça e as reflexões smithianas sobre a solidariedade afetiva, procura-se mostrar em que medida a dor física, a compaixão e a reação do público podem ser interpretadas à luz da teoria moral do filósofo escocês.

Palavras-chave: Simpatia. Sófocles. Smith.

ABSTRACT

The aim of this article is to examine how the concept of “sympathy,” as formulated by Adam Smith in the work *The Theory of Moral Sentiments*, contributes to an understanding of Philoctetes’ suffering and the moral conflict experienced by Neoptolemus in Sophocles’ homonymous tragedy. By connecting the dramatic elements of the play with Smith’s reflections on affective solidarity, the article seeks to show how physical pain, compassion, and audience response can be interpreted through the lens of the Scottish philosopher’s moral theory.

Keywords: Sympathy. Sophocles. Smith.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar cómo el concepto de «simpatía», formulado por Adam Smith en su obra **Teoría de los Sentimientos Morales**, contribuye a la comprensión del sufrimiento de Filoctetes y del conflicto moral que experimenta Neoptólemo en la tragedia homónima de Sófocles. Mediante la articulación entre los elementos dramáticos de la obra y las reflexiones de Smith sobre la solidaridad afectiva, buscamos mostrar hasta qué punto el dolor físico, la compasión y la reacción del público pueden interpretarse a la luz de la teoría moral del filósofo escocés.

Palabras clave: Simpatía. Sófocles. Smith.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é examinar como o conceito de “simpatia”, tal como formulado por Adam Smith na *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759), oferece uma chave interpretativa interessante para entender o sofrimento do personagem Filoctetes e o conflito moral vivido por Neoptólemo na tragédia homônima de Sófocles. Partindo da reconstrução do enredo e dos dilemas éticos centrais da peça, busca-se articular a noção smithiana de solidariedade afetiva às formas de compaixão e repulsa despertadas pela dor física extrema do herói abandonado em Lemnos. Além disso, discute-se a crítica estética de Smith às representações teatrais que exploram o sofrimento corporal, avaliando em que medida essa crítica incide sobre o texto de Sófocles. Com isso, pretende-se mostrar como a filosofia moral do iluminismo escocês pode lançar luz tanto nas ações dos personagens quanto na recepção da tragédia pelo público.

2 A TRAGÉDIA FILOCTETES

Publicada por Sófocles em 409 a.C., a tragédia *Filoctetes* foi encenada em Atenas por ocasião dos concursos dramáticos das *Grandes Dionisíacas*, as quais constituíam festividades bastante relevantes para o cenário intelectual e artístico ateniense da época. A peça, que conta com quatro personagens (Filoctetes, Odisseu, Neoptólemo e Héracles), tematiza, conforme Dagios (2020), o drama do homem doente que, inicialmente, é banido da sociedade, mas que, em seguida, se torna indispensável para o progresso ou para a vitória bélica de sua pátria¹.

De acordo com a narrativa de Sófocles, o velho arqueiro Filoctetes, filho de Poianto, foi abandonado por seus companheiros gregos na inóspita ilha de Lemnos, sem nenhuma companhia humana e sem provisões para sobreviver. O motivo de seu abandono foi a presença de uma ferida incurável em seu pé, provocada pela picada de uma serpente. Diziam os tripulantes da frota de Filoctetes que sua chaga era demasiado fétida e exibia um aspecto insuportável aos olhos. Com base nessa justificativa, Filoctetes foi deixado à própria sorte na ilhota grega para viver e sofrer, durante anos, as dores de seu ferimento.

Em Lemnos, Filoctetes vivia uma situação deplorável: morava numa caverna, dormia entre as folhagens, caçava animais com o fito de se alimentar e agonizava com sua “doença devoradora”, como escreve o próprio Sófocles². Num dado momento, desembarcam na ilha Odisseu e Neoptólemo, filho de Aquiles, acompanhados de alguns marinheiros gregos. O desembarque dos helenos na infértil ilha se devia ao interesse de surrupiar o arco e as flechas de Filoctetes, que foram dados por Héracles, herói grego filho de Zeus. A busca pelas armas de Filoctetes foi motivada pelo vaticínio do adivinho Heleno,

¹ Cf. DAGIOS, *Op. cit.*, p. 25

² Cf. SÓFOCLES, *Op. cit.*, p 57

segundo o qual Troia só poderia ser vencida pela ação das flechas sagradas do arco que pertencia a Héracles.

Tendo esse objetivo em mente, Odisseu, o herói representativo da astúcia e da versatilidade, elabora um plano ardiloso para ludibriar Filoctetes e lhe roubar o arco. Conforme planejou Odisseu, Neoptólemo deveria fingir ser amigo de Filoctetes, ganhar sua confiança por meio de mentiras e, por fim, furtar as armas sagradas. A princípio, Neoptólemo se mostra desconfortável com a execução do plano, uma vez que mentir seria ir contra seus valores morais. Contudo, depois de dialogar com Odisseu, o filho de Aquiles acaba sendo convencido de que obedecer às ordens do chefe grego se revela a ação mais íntegra, visto que a honra e a lealdade deveriam prevalecer sobre o sentimento de piedade ou compaixão em relação ao velho arqueiro.

Seguindo o ardil planejado, Neoptólemo encontra Filoctetes na ilha e, usando o artifício da mentira, convence Filoctetes a entregar-lhe as preciosas armas. Com o arco em mãos, o filho de Aquiles promete, falsamente, a Filoctetes que se vingará dos gregos e matará Odisseu, a fim de penalizá-los pelo cruel abandono na ilha de Lemnos. Depois de ter feito a falsa promessa, Neoptólemo retorna a Troia e reencontra Odisseu, que se orgulha do jovem por ter cumprido a tarefa prescrita. Nesse momento, porém, Neoptólemo se viu diante de um arrependimento moral: após ter ganhado a confiança de Filoctetes e ter visto de perto seu sofrimento, tirar-lhe o arco se mostrou, na verdade, uma ação vergonhosa e covarde.

Arrependido de suas ações, Neoptólemo regressa a Lemnos, devolve as armas altivas a Filoctetes e lhe expõe a trama urdida por Odisseu desde o início. Ainda na ilha, o filho de Aquiles persuade Filoctetes a lutar na guerra de Troia ao lado dos gregos. O velho arqueiro, ainda que a contragosto, aceita a proposta, mas, novamente, Neoptólemo se percebe numa situação moral conflituosa, porque, a rigor, está descumprindo as ordens do exército grego e colocando a vida de Filoctetes em risco, uma vez que, ao pisar em Troia, o arqueiro seria morto pelos comandantes aqueus. Para resolver esse impasse derradeiro da peça, Sófocles se vale do recurso *deus ex machina*, ao dar vida a Héracles, que, dando fim ao conflito moral de Neoptólemo, ordena a Filoctetes que participe da guerra, prometendo-lhe a glória futura e a cura de sua ferida dolorosa por Asclépio (o deus grego da medicina).

Na história contada por Sófocles, percebe-se, claramente, o uso da metáfora da saúde, muito usada entre os gregos para explicitar relações sociais e políticas. Segundo Dagios, “não são poucas as relações entre corpo e cidade no mundo antigo. As metáforas da saúde e da doença constroem uma fecunda relação entre corpo político, estabilidade e instabilidade” (DAGIOS, 2020, p. 17). De fato, a ferida de Filoctetes representa seu anátema, sua expulsão desumana do corpo social. No entanto, apesar do ferimento, sua humanidade se mantém e é relembrada, já que o arqueiro se torna elemento imprescindível à vitória dos gregos, conforme o presságio de Heleno.

Além do valor humano intrínseco, um dos temas centrais da peça é o arrependimento moral de Neoptólemo, que é tomado de piedade após enganar Filoctetes. Mesmo sendo um guerreiro grego que segue um rígido código de conduta moral, o filho de Aquiles foi capaz de ter empatia com Filoctetes e seu sofrimento. É precisamente esta emoção, a empatia, ilustrada pelas ações de Neoptólemo, que pretendemos abordar neste trabalho, valendo-nos do conceito de “simpatia” elaborado por Adam Smith em sua *Teoria dos Sentimentos Morais*, publicada em 1759. O autor escocês, apesar de afirmar ser mais difícil ser simpático (ou empático) com emoções físicas (fome, sede, libido), não exclui essa possibilidade e admite que pode haver solidariedade também nesses casos. Além disso, no entender de Smith, a encenação da peça é capaz de suscitar simpatia também na plateia.

3 A NOÇÃO DE “SIMPATIA” PROPOSTA POR ADAM SMITH

Antes de entrar no texto da *Teoria dos Sentimentos Morais* de Adam Smith, convém fazer algumas considerações importantes sobre nosso autor e sua obra. De início, observamos que Smith pode ser posicionado, conforme ensina Fröhlich (2021), no que se convencionou chamar de “escola escocesa de filosofia moral”³. Uma das principais metas filosóficas desse grupo consistia em tentar conferir científicidade às ciências sociais (abrangidas nesse campo a *teoria moral* e a *teoria política*), assim como Isaac Newton empreendeu em relação à filosofia natural de sua época. Na escola filosófica escocesa, Francis Hutcheson e David Hume foram grandes influências para o desenvolvimento das ideias de Smith.

Além disso, no que concerne à obra de nosso filósofo, revela-se valioso trazer a lume a querela interpretativa, planteada no século XIX, conhecida, em sua expressão alemã, por *Das Adam Smith Problem*. O problema exegético girava em torno das duas mais famosas obras do filósofo escocês — a *Riqueza das Nações* (1776) e a *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759). Os estudiosos da época alegavam ter encontrado uma aparente inconsistência entre os dois trabalhos de Smith: enquanto a primeira, a *Riqueza das Nações*, destaca que o impulsionador decisivo das ações humanas é a inclinação à satisfação egoísta e ao autointeresse; a segunda, a *Teoria dos Sentimentos Morais*, segue um viés aparentemente contrário, conforme o qual os seres humanos, em sua natureza, se guiam pelo componente da solidariedade (em inglês, *fellow-feeling*), isto é, manifestam uma abertura à compaixão e ao compartilhamento de estados emocionais com outros seres humanos.

Sem a ambição de aprofundar o “problema Adam Smith”, pretendemos dar mais vazão à segunda linha interpretativa, a qual tem como texto fundamental a *Teoria dos Sentimentos Morais*, visto que procuramos perquirir, neste trabalho, a noção de “simpatia” aventada por Smith nessa obra. Com efeito, a tonalidade do texto de 1759 vai ao encontro das emoções e atitudes que serão pertinentes para o cotejo com a tragédia de Sófocles, que coloca em cena o sofrimento de Filoctetes e o

³ Cf. FRÖHLICH, *Op. cit.*, p. 491.

arrependimento moral de Neoptólemo, duas situações que dão ensejo à discussão moral com esteio na ideia de solidariedade.

Passando, agora, à análise do texto de Smith, encontramos, já no início, uma indicação que se mostra útil em nosso caminho para compreender a noção de *simpatia*. Ensina o autor escocês que

“Piedade e compaixão são palavras que, com propriedade, denotam nossa solidariedade (*fellow-feeling*) pelo sofrimento alheio. Simpatia (*sympathy*), embora originalmente sua significação fosse a mesma, pode agora ser usada, sem grande impropriedade, para denotar nossa solidariedade com qualquer paixão” (SMITH, 2002, p. 8).

Como se depreende da citação de Smith, a *simpatia* é um conceito mais amplo que o de *compaixão*, que abarca somente o ato solidário frente ao sofrimento alheio. De fato, a *simpatia* parece se concretizar na tendência dos seres humanos de manifestar solidariedade diante das emoções alheias, sejam positivas, sejam negativas. Trata-se de participar do estado emocional no qual se encontra outra pessoa, ação que pode provocar prazer ou desprazer no participante, considerando que tanto as emoções vistas como positivas quanto as consideradas negativas ensejam simpatia. Por esse prisma, é pertinente recuperar o sentido etimológico da palavra usada por Smith em seu texto — a *simpatia* é, como expressam as palavras gregas que compõem o termo, a emoção ou a paixão (*πάθος*) que se apresenta em conjunto ou em companhia (prefixo *-συν*).

Diante dessa definição de caráter abrangente cogitada por Smith, faz-se necessária uma lapidação conceitual. É verdade que a simpatia nos torna capazes de solidarizar-nos com as emoções alheias, mas sua manifestação encontra um limite evidente: “como não temos experiência imediata dos que outros homens sentem, somente podemos formar uma ideia de como nós nos sentiríamos em sua mesma situação” (SMITH, 2002, p. 7). Com efeito, nunca seremos capazes de sentir exatamente da mesma forma que a outra pessoa em questão, de modo que o ato de simpatia acontece por aproximação, nunca por exatidão. Além disso, a fim de plasmar nosso sentimento simpático, empregamos nossas próprias sensações prévias, as quais serão recuperadas pela imaginação, para que nos coloquemos no lugar do outro.

Paralelamente ao caráter aproximativo da simpatia, Smith aponta que, no processo de simpatizar, há uma ação de nivelamento emocional operada pelos indivíduos envolvidos. Como o ato simpático nunca dá conta de recobrir totalmente a emoção alheia, Smith defende que tanto o observador da emoção quanto aquele que se encontra em um determinado estado emocional devem, ambos, fazer um esforço nivelador, para que haja maior sintonia entre as emoções sentidas. Nesse sentido, o observador — chamado por Smith de *espectador* — deve “esforçar-se, tanto quanto possível, para colocar-se na situação do outro e tornar sua cada pequena circunstância de aborrecimento que provavelmente ocorre ao sofredor” (SMITH, 2002, p. 22), ao passo que a pessoa atingida deve “rebaixar sua paixão até aquele limite em que os espectadores são capazes de o acompanhar. Precisa,

se me permitem dizer assim, abrandar a intensidade do seu tom natural” (SMITH, 2002, p. 22). Assim, de um lado, o espectador se empenha em se deslocar, via imaginação, em direção ao sentimento alheio; de outro lado, a pessoa implicada no estado emocional realiza uma atenuação de sua emoção, para que o observador tenha capacidade de captá-la em uma forma mais plausível, com menos exageros e mais passível de afinação com o espectador.

Ainda na tarefa de lapidação conceitual, nota-se que Smith reconhece que a simpatia pode, em alguns casos, se manifestar em alguém por meio da mera visão de uma emoção expressa por outro indivíduo, como é o caso da dor e da alegria. Em outros casos, porém, não nos é possível exprimir simpatia pelo simples olhar em direção às emoções alheias; nessas ocasiões, argumenta o filósofo, é preciso compreender, primariamente, as causas que geraram determinada emoção. Esse comentário de Smith tangencia, em alguma medida, o tipo de reação empática que buscamos investigar aqui, qual seja, a reação das pessoas face à ferida de Filoctetes, a qual causa horror nas pessoas ao ser simplesmente vista.

A fim de explorar um pouco mais o ato simpático, recorremos também ao *sentido de conveniência*, abordado por Smith na *Teoria dos Sentimentos Morais*. Quando simpatizamos com a emoção alheia, valemo-nos de um sentido de conveniência, isto é, de um crivo, um filtro que julga a adequação ou a inadequação do um estado afetivo alheio conforme a causa que o desencadeou. Essa avaliação, contudo, é efetuada com base nas experiências prévias do observador, ou seja, consoante seus *afetos correspondentes*, dada a limitação humana de não poder emular, de modo preciso, a forma e a intensidade do sentimento alheio. Assim, sobre o sentido de conveniência, que atua em concomitância com a simpatia, escreve Smith que “quando julgamos dessa maneira qualquer afeto para saber se é proporcional ou desproporcional à causa que o provoca, é pouco provável que usemos qualquer regra ou norma que não seja o afeto correspondente em nós próprios” (SMITH, 2002, p. 22).

Feitas essas considerações sobre a noção smithiana de *simpatia*, interessa-nos, a partir de agora, lançar luz sobre a atitude simpática ante os sofrimentos que se originam no corpo do indivíduo. Para nós, trata-se de uma parte fundamental do texto de Smith, visto que o pesar e a dor do personagem Filoctetes provêm de um ferimento corporal que lhe provoca sonoras lamentações, lamúrias e cheiro repugnante. Vejamos, então, a perspectiva do filósofo escocês relativamente às paixões que têm sua origem na fisiologia do corpo humano.

Smith, em tom negativo, escreve que “é indecente expressar com intensidade as paixões que se originam de certa situação ou disposição do corpo, pois não se pode esperar que quem está conosco, não possuindo a mesma disposição, simpatize com elas” (SMITH, 2002, p. 22). Na passagem, constata-se que o filósofo principia seu veio argumentativo realizando uma avaliação moral do ato de expressão das emoções corporais. Para ele, expressar emoções corporais de maneira intensa seria uma atitude indecente ou indecorosa, considerando que o espectador nunca conseguirá sentir a mesma sensação, o

que tornaria inútil a demonstração de intensidade. Smith oferece exemplos dessas expressões corporais apontando a fome, o desejo sexual e outros apetites corporais marcados pela veemência de expressão. Apesar de firmar a base de seu argumento nessa ideia, Smith concede, de forma um pouco vaga, que essas expressões podem gerar “certo grau de simpatia”, já que é possível, por exemplo, imaginar alguém esfomeado e simpatizar com esse estado. Presumivelmente, a exibição exagerada dessas emoções corporais tinha, no contexto histórico de Smith, implicações de caráter social, tais como a quebra do decoro ou de certas regras de etiqueta.

Um pouco mais adiante em seu texto, Smith dedica algumas linhas à dor física, que é justamente nosso alvo neste trabalho, quando diz: “pelo mesmo motivo, gritar de dor física, por mais insuportável que seja, parece sempre pouco viril e adequado, mas existe bastante solidariedade mesmo pela dor física” (SMITH, 2002, p. 31). Novamente, vemos nosso filósofo incutir uma avaliação moral da exibição do sofrimento causado pela dor física. Smith parece entender que a expressão da dor causada pela dor física é menos legítima, além de, como nos relembra Buchenau (2021), não ser esteticamente desejável⁴. É possível divisar até mesmo uma aproximação da postura smithiana à autossuficiência e autocontrole estoicos:

“Sentimos repulsa pela dor clamorosa que, sem nenhuma delicadeza, reclama nossa compaixão com suspiros e lágrimas, e lamentos importunos. Porém, reverenciamos a dor reservada, silenciosa e majestática, que só se expõe pelos olhos inchados, o tremor de lábios e faces e na distante mas comovente frieza de toda sua conduta” (SMITH, 2002, p. 25).

De fato, a conclusão de Smith acerca das emoções oriundas da fisiologia corporal apresenta um matiz negativo, ainda que venha com o acréscimo de uma tímida ressalva ao final, dando-lhe “um grau” de possibilidade de causar simpatia: “isso sucede a todas as paixões que se originam no corpo: não inspiram nenhuma simpatia ou apenas a inspiram num grau completamente desproporcional à violência experimentada pelo sofredor” (SMITH, 2002, p. 32).

Por fim, é interessante salientar que Smith confere valor substancial à simpatia que sentimos em se tratando de representações teatrais, que é precisamente o que a peça de Sófocles causa no público dos concursos dramáticos. Nesse sentido, mostra o filósofo escocês que “o regozijo que nos embarga quando se salvam nossos heróis favoritos nas tragédias ou nos romances é tão sincero como nossa condoléncia ante sua desgraça; e compartilhamos suas desventuras e sua felicidade de forma genuína” (SMITH, 2002, p. 7).

4 A SIMPATIA PRESENTE NO FILOCTETES À LUZ DO CONCEITO DE SMITH

Depois de perscrutar o conceito de “simpatia” proposto por Smith, interessa-nos, a partir desta seção do texto, acompanhar a aferição smithiana da tragédia de Sófocles em duas perspectivas: o ato

⁴ Cf. BUCHENAU, *Op. cit*, p. 2.

simpático de Neoptólemo com Filoctetes e, por último, a simpatia do público em relação à peça e ao sofrimento de Filoctetes. No primeiro caso, é visível que o filho de Aquiles manifestou, em termos smithianos, *simpatia* por Filoctetes. O ato de ver e de lidar com o sofrimento do filho de Poianto provocou em Neoptólemo um conflito de valores, notadamente entre a *honra* e a *piedade*. Considerando o desenrolar da peça, porém, fica nítido que a compaixão acabou por prevalecer no filho de Aquiles, que diz: “uma profunda compaixão por ele [Filotetes] me invadiu. Não apenas agora, mas já há muito tempo” (SÓFOCLES, 2000, p. 96).

Sobre o segundo caso, o da simpatia do público ante as dores de Filoctetes, diz Smith:

“Em algumas das tragédias gregas, há uma tentativa de inspirar piedade por meio da representação das agonias da dor física. Os extremos do sofrimento fazem Filoctetes gritar e desmaiar. Apresentam-nos Hipólito e Hércules expirando sob torturas tão intensas, que nem mesmo a coragem de Hércules parece suportar. Todavia, em todos esses casos, não é a dor que nos interessa, mas alguma outra circunstância. Não é o pé doente, por toda essa encantadora tragédia, aquele romântico desvario, que tanto agrada à nossa imaginação.” (SMITH, 2002, p. 33).

Levando em conta suas críticas à expressão de dor física que vimos acima, Smith concretiza seu argumento por meio da aplicação de sua noção a exemplos de tragédias gregas. Um desses exemplos é exatamente a peça de Sófocles: *Filotetes*. Como se pode extrair do trecho citado, nosso autor tem a suspeita de que não é exatamente a dor do personagem Filoctetes que provoca a simpatia da plateia, mas “outra circunstância”. Segundo Smith (2002), essa circunstância é a antecipação da morte que conseguimos ver na encenação⁵. Para ele, “se os heróis pudessem se recuperar, julgaríamos perfeitamente ridícula a representação de seus sofrimentos” e finaliza com a seguinte crítica: “essas tentativas de suscitar a piedade por meio da representação da dor física podem ser consideradas entre as maiores quebras no decoro de que o teatro grego deu exemplo” (SMITH, 2002, p. 34).

Sobre essa postura crítica de Smith acerca de *Filotetes*, Buchenau ensina que, na visão de Smith, “uma vez que todas essas tentativas de despertar piedade do espectador são malsucedidas e violam as regras do decoro e da conveniência, elas são fracassos estéticos” (BUCHENAU, 2021, p. 1). A autora francesa aponta, assim, para o aspecto estético da crítica de Smith ao *Filotetes* de Sófocles, porquanto a exibição expansiva de dor física, na óptica smithiana, quebra o decoro e adquire a marca da indecência.

Assim, pelo que se aduz das críticas de Smith, sua avaliação da simpatia frente ao sofrimento físico e às lamentações atravessa, inevitavelmente, as esferas psicológica (quando insiste que é possível ser simpático, “em algum grau”, em relação à dor física alheia), social (quando indica que a lamentação provoca um tipo de quebra de decoro ou de regras de etiqueta) e estética (quando alega a inadequação

⁵ Cf. SMITH, *Op. cit.*, p. 34

do recurso do teatro grego de tentar suscitar simpatia no público por meio da exibição vívida de dores físicas).

5 CONCLUSÃO

Diante dessas breves reflexões, é possível concluir que o conceito de “simpatia” forjado por Smith na *Teoria dos Sentimentos Morais* corresponde ao nosso sentimento de se afetar com emoções alheias consideradas em amplo espectro (emoções positivas e negativas). Por esse prisma, o conceito smithiano de *simpatia* nos ajuda a compreender a emoção sentida por Neoptólemo em relação ao personagem Filoctetes, que vivia em situação de penoso sofrimento na ilha de Lemnos. Além disso, a noção de simpatia nos auxilia também no entendimento dos sentimentos que a exibição desembaraçada do sofrimento de Filoctetes na peça de Sófocles provoca no público. No primeiro caso, Neoptólemo faz a opção moral pela compaixão por Filoctetes e termina por desobedecer às ordens de Odisseu, isto é, acaba indo contra os valores da obediência e da hierarquia; no segundo caso, vimos que, segundo Smith, a plateia que assiste à peça de Sófocles manifesta simpatia não tanto pelo sofrimento físico de Filoctetes, mas pelo que esse sofrimento aproxima o personagem da morte (tomada por Smith como a situação mais legítima para causar a simpatia no público). Por fim, Smith descortina também uma crítica estética à tragédia grega, que se utilizava do expediente da exposição de dor física para ensejar sentimentos de piedade e simpatia nos espectadores, recurso este que o autor escocês reprova, uma vez que apela à expansividade e à quebra do decoro.



REFERÊNCIAS

BUCHENAU, S. **Sensing Sympathy**: Philoctetes in German Enlightenment Aesthetics. In: Congresso Internacional de Estética, novembro de 2021, Salvador, Bahia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XXh8m_JM2zk. Acesso em 29/01/2022.

DAGIOS, M. **Da doença selvagem à l'immonde blessure**: recepção da Antiguidade no *Filoctetes* de André Gide e sua relação com o Caso Dreyfus. In: Revista Letras Escreve, v. 10, nº 2, Macapá, UNIFAP, 2020.

FRÖHLICH, S. **Símpatia e espectador imparcial**: conceitos fundamentais para discussões éticas e políticas. In: Revista Direito, Estado e Sociedade, v. 59, Rio de Janeiro, PUC-RIO, 2021.

SMITH, A. **Teoria dos Sentimentos Morais**. Trad. de Lya Luft. Rev. de Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SÓFOCLES. **Filoctetes**. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, 2002.